



## A AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL PERSPECTIVAS E MÉTODOS

Sonia Aparecida Faleiros  
Universidade Federal de Goiás, Campus Jataí.  
[sonnyafaleiros@yahoo.com.br](mailto:sonnyafaleiros@yahoo.com.br)

Luiz Almeida da Silva  
Universidade Federal de Goiás, Campus Jataí  
[enferluiz@yahoo.com.br](mailto:enferluiz@yahoo.com.br)

Eulia Rejane da Silva  
Prefeitura Municipal de Uberlândia-Núcleo de Infância  
[euliarejane@yahoo.com.br](mailto:euliarejane@yahoo.com.br)

**RESUMO:** Há algum tempo pode se observar que a Educação Infantil tem deixado de ser apenas assistencialista para focar também na aprendizagem e no desenvolvimento da criança se valendo do tripé: educar, brincar e cuidar. Assim surge a necessidade de se conhecer várias formas de avaliar e conseqüentemente as mais utilizadas para essa faixa etária. O presente trabalho objetivou conhecer melhor o desenvolvimento das habilidades necessárias à atividade de avaliar na educação infantil justificando-se pela urgente exigência de se pesquisar a melhor forma de avaliar na Educação Infantil e também nas diversas categorias de ensino. Trata-se de um estudo de revisão bibliográfica realizada por meio de busca eletrônica, literaturas impressas, jornais e revistas que tratam especificamente do tema. Como resultados, observa-se por meio das obras pesquisadas que a avaliação na educação infantil, embora a consciência sobre sua necessidade esteja crescendo, ainda se encontra obscura, pois muitos profissionais ainda não estão aderindo a esta necessidade urgente. O mesmo mostra também que há uma necessidade eminente de mudança no que tange a avaliação nos diversos aspectos, porém ainda há muito que pesquisar e estudar para que o processo ensino aprendizagem se adéque à realidade da criança de hoje principalmente quando se fala em avaliação. Conclui-se que, no quesito formativo, as instituições de ensino possuem grande responsabilidade na formação dos futuros profissionais, mostrando-lhes já na academia, que as formas educativa e avaliativa necessitam de mudanças, pois assim como todos os outros seres, a criança também se encontra em constante estado de evolução.

**Palavras-chave:** avaliação, educação infantil, aprendizagem.

**ABSTRACT:** Some time can be observed that the kindergarten is no longer just for welfare also focus on learning and development of children taking advantage of the tripod: to educate, play and care. Thus arises the need to know various ways to assess and therefore the most commonly used for this age group. The present study aims to investigate the development of skills necessary to evaluate the activity in early childhood education is justified by the urgent requirement to investigate the best way to evaluate the Early Childhood Education and also in different educational categories. This is a literature review conducted by searching electronic, printed literature, newspapers and magazines that deal specifically with the issue. It is observed by means of works that the surveyed assessment in early childhood education, but awareness of their need is growing, is still unclear, because many professionals are still not adhering to this urgent need. The same also shows that there is a perceived need for change regarding the assessment in different ways, but there is still much to research and study so that the learning process fits the reality of today's children especially when it comes to evaluation. We conclude that, in the inquiry training, education institutions have great responsibility in training future professionals, showing them as in academia, the educational and evaluative forms require changes as well as all other beings, the child also is in a constant state of evolution.

**Keywords:** assessment, early childhood education, learning,

## Introdução

A avaliação tem sido tema de ampla discussão em várias partes do mundo, inclusive no Brasil, pois tenta-se chegar a um consenso sobre o que avaliar e qual a melhor forma de avaliar. E nesses estudos e pesquisas tem se inserido também a educação infantil, primeira etapa da educação básica, que “tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” (BRASIL, 1996, p.24). Assim, sente-se a necessidade de também avaliar, embora encontre dificuldades para tal, principalmente por falta de motivação dos profissionais que nem sempre se sentem capacitados para tal atividade.

Frente a tais observações objetivando conhecer melhor o desenvolvimento das habilidades necessárias à atividade de avaliar, o presente tema chama a atenção para uma urgente necessidade de pesquisa sobre a prática da avaliação na educação infantil, tendo em vista o que prevê a LDB em seu artigo 31 “[...] a avaliação far-se-á mediante o

acompanhamento e registro do seu desenvolvimento, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental” (BRASIL, 1996, p. 27).

### *Retrospectiva da Educação Infantil Brasileira*

Os diversos estudos realizados sobre a educação infantil no Brasil revelam que, a partir da segunda metade do século XIX, foi criada no Brasil a creche com caráter assistencialista, cujo objetivo era atender as necessidades das mulheres que ingressavam no trabalho nas fábricas ou mães solteiras e viúvas que estavam desamparadas. Com o aumento da industrialização no país e a crescente necessidade da mão de obra feminina ampliou, também, a demanda por instituições de atendimento à infância, dando início aos movimentos operários que tinham, dentre as reivindicações, a criação de instituições de educação e cuidados para as crianças.

O caráter assistencialista nas creches perdurou por longo período (em algumas instituições ainda se pode encontrar esta forma de atendimento às crianças), contrapondo ao caráter educacional oferecido às crianças nas salas de asilos ou casas maternais, do modelo europeu, isto porque as creches destinadas às crianças pobres e, portanto, necessitadas de cuidados, não se preocupavam com educação enquanto as casas maternais que recebiam as crianças das classes médias e altas se ocupavam de educá-las para o futuro.

Nessa época surgem três tipos de instituições básicas: as creches, as escolas maternais e os jardins de infância, as quais têm como características peculiares o atendimento à criança pequena a partir de iniciativas coletivas que surgem não dos poderes oficiais, mas de iniciativas isoladas, principalmente da igreja. As creches abrigavam crianças pobres e abandonadas. Os jardins de infância tinham o papel de iniciar a parte educativa destinada a classe dominante como complemento da ação familiar. Já as escolas maternais tinham o objetivo de amparar órfãos e filhos de operárias, oferecendo-lhes a guarda e alguma ação educativa (LUCAS, 2005, p.82).

Nos dias atuais, a educação infantil, a qual foi pautada e regulamentada pela LDB 9.394/96 e reorganizada através da Resolução nº 5 de 17/12/2009 em seu Art.5º, mostra que:

A Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, é oferecida em creches e pré-escolas, as quais se caracterizam como espaços institucionais não domésticos que constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de 0 a 5 anos de idade no período diurno, em jornada integral ou

parcial, regulados e supervisionados por órgão competente do sistema de ensino e submetidos a controle social (BRASIL, 2009, p.1).

Sabe-se que embora esteja implícito nos discursos, na Constituição Federal, no Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, refletido por meio da lei 8.069 de 13/07/90, de que há a garantia legítima do direito à educação de qualidade e desenvolvimento das crianças e adolescentes, muitas instituições não tem respeitado estas diretrizes e, ainda mantêm uma educação infantil voltada aos modelos antigos da educação, bem como das formas tradicionais de se avaliar contrariando o que está exposto no Art. 4º da Resolução Nº5 que orienta:

As propostas pedagógicas da Educação Infantil deverão considerar que a criança, centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2009, p.1).

Para tanto, uma proposta de ensino para crianças de 0 a 5 anos não pode ser uma “transposição” do que é desenvolvido no Ensino Fundamental, isto é, não deve ser reduzida ao ensino de conteúdos e disciplinas, pois a criança é um sujeito de direitos, ativo que transforma ao mesmo tempo em que é transformada pela cultura, pela interação e pelo próprio conhecimento. Então,

Para uma ação efetiva, a proposta educacional deve considerar o conjunto de fatores interagindo na instituição, o que inclui desde as condições do espaço físico, o número e o tipo de funcionários de que dispõem as atividades que implementa os recursos materiais que utiliza as concepções de educação de criança dos educadores e das famílias, as possibilidades que a razão professor-aluno oferece para implantar a proposta educacional defendida, os critérios de admissão dos alunos e, ainda, os processos de seleção, treinamento e as condições de trabalho dos professores (OLIVEIRA, 1995, p. 18).

Pensar na proposta pedagógica para a educação infantil é, portanto, pensar coletivamente em um projeto comprometido com a qualidade e a responsabilidade para educar e cuidar considerando a criança como aprendiz e o aprendizado como parte do processo do desenvolvimento humano. Isto inclui, ainda, uma avaliação contínua da aprendizagem como recurso para compreender como a criança está construindo o conhecimento, como o professor está participando desta construção, como a equipe pedagógica favorece essas relações. Assim, deve ser compreendida e utilizada como um

instrumento que permite estabelecer intervenções na prática educativa pensando na qualidade do que se ensina e do que realmente é aprendido.

#### *Histórico sobre a avaliação*

A história da avaliação é muito antiga. Registros de sua utilização para seleção de servidores do governo chinês datam de 2000 a.C. Outra forma também é considerada é a utilização de questões avaliativas como parte da metodologia de ensino, procedimento introduzido por Sócrates e amplamente empregado na Grécia do 5º século a.C. (STUFFLEBEAM *et al*, *apud* PENNA FIRMA, 1988).

Sabe-se que os métodos avaliativos remontam-se aos nossos antepassados e que também nos dias atuais, cresce a preocupação com os modos utilizados e sua inserção, principalmente na educação infantil, fase esta que deve ser dotada de muito cuidado, aprendizado, troca de experiências e atenção por parte dos professores, pais e familiares.

Silva (2011, p.15) esclarece que: “Os professores têm uma das maiores armas nas mãos, que é capaz de estimular a mudança da sociedade, construir um mundo mais justo, modificar as pessoas e esta ferramenta chama-se Educação”.

Há no Brasil e no mundo, inúmeras discussões sobre o que é e como é avaliar, no entanto, com o passar dos tempos não se consegue chegar a um consenso. Tal situação pode ser atribuída em virtude dos antigos professores terem tido uma formação bancária, onde o professor apenas realizava a passagem de conhecimentos prontos e acabados, sem possibilidades de discussão, cabendo aos alunos tomá-la como máxima verdadeira.

Conforme Freire (1983) a educação bancária é um ato egoísta do ser que se denomina professor, sendo para estes o “saber” uma doação dos que se julgam sábios, aos que são julgados nada saber, doação esta manifestada pela ideologia da opressão, a alienação da ignorância que sempre se encontra no outro, desprezando assim a capacidade de diferentes potenciais, em diferentes momentos. Impedindo o desenvolvimento da cultura, crença e a diversificação dos saberes.

Nesta linha de pensamento, muitos professores têm reproduzido tais comportamentos sem visar alternativas de mudanças. Como professores da educação infantil, acreditamos que uma das principais etapas em que se pode reverter a situação é a educação infantil e para isto a avaliação formativa, configurada de uma forma responsável e crítica pela visão do professor, pode ajudar a criança a desenvolver suas habilidades cognitivas, auxiliando o professor no cumprimento de seu papel de educador que estimula e preza o aprendizado de uma forma contínua desde a infância.

Atualmente, as instituições de ensino têm a convicção de que avaliam o aprendizado de uma maneira adequada, mesmo não sendo os reflexos tão otimistas, conforme nos mostra Luckesi (2005, p. 3):

Infelizmente, tenho que dizer que genericamente falando, ou seja, sem mencionar esta ou aquela escola, este ou aquele professor, a escola hoje ainda não avalia a aprendizagem do educando, mas sim o examina, ou seja, denominamos nossa prática de avaliação, mas, de fato, o que praticamos são exames. Historicamente, mudamos o nome, porém não modificamos a prática. Portanto, vivenciamos alguma coisa equívoca: leva o nome, mas não realiza a prática.

Nesta perspectiva, cresce a preocupação sobre a qualidade de ensino e avaliação que estas crianças estão recebendo e que pode trazer grandes prejuízos para o desenvolvimento infantil.

Trabalhando nos últimos anos na Educação Infantil vivenciamos diversas formas de como se pode avaliar nesse nível de ensino. Percebemos que nem sempre as formas de avaliar agradam a direção das escolas e novamente veio o interesse por fazer algo para tentar melhorar a prática e o aprendizado dos alunos.

A avaliação na educação infantil deve ser vista como um instrumento de auxílio ao desenvolvimento da criança. Para tanto, o professor precisa estar seguro sobre o que avaliar e como interferir para que os objetivos sejam alcançados, pois o papel do professor não é simplesmente detectar onde estão as falhas no aluno, mas também de conseguir encontrar as suas próprias. Tal reflexão permite ao professor planejar de onde partir e aonde chegar e, se

necessário for, retomar o caminho percorrido até ali por meio de diferentes meios para conseguir um bom resultado na aprendizagem. Assim,

[...] a avaliação é entendida, prioritariamente, como um conjunto de ações que auxiliam o professor a refletir sobre as condições de aprendizagem oferecidas e ajustar sua prática às necessidades colocadas pelas crianças. É um elemento indissociável do processo educativo que possibilita ao professor definir critérios para planejar as atividades e criar situações que gerem avanços na aprendizagem das crianças. Tem como função acompanhar, orientar, regular e redirecionar esse processo como um todo (RCNEI, 1999, p. 59).

Na avaliação infantil, muitas mães e professores, questionam: Em que contribuiria para uma criança ser avaliada ou não? Como seria para uma criança rever seus trabalhos e ela mesma se auto-avaliar escolhendo juntamente com as educadoras os trabalhos que lhe agradasse mais? Como seria uma avaliação que de tempos em tempos descrevesse os avanços da criança e que não marcasse de vermelho suas atividades mostrando-lhe os erros? É possível uma avaliação que a questiona e a faz parar, refletir e chegar a conclusão do que precisaria ser melhorado? Então, esse tipo de avaliação contribuiria para o crescimento da criança?

Para tanto, a avaliação “seria um mecanismo subsidiário pelo qual o professor iria detectando os níveis de aprendizagem atingidos pelos alunos e trabalhando para que atinjam a qualidade ideal mínima necessária” (LUCKESI, 2010, p. 98). Agindo assim, o professor saberia como e quando interferir de forma significativa afim de que as crianças participassem da sua própria avaliação por meio de registros, diagnósticos e escolha de atividades para serem usadas em um instrumento especial, o portfólio. Nesse sentido,

A observação e o registro se constituem nos principais instrumentos de que o professor dispõe para apoiar sua prática. Por meio deles o professor pode registrar contextualmente, os processos de aprendizagem das crianças, a qualidade das interações estabelecidas com outras crianças, funcionários e com o professor e acompanhar os processos de desenvolvimento obtendo informações sobre as experiências das crianças na instituição [...] (RCNEI, 1999, p.1).

Tal alternativa, além de dar mais credibilidade aos professores na educação, estimula o interesse das crianças desde o início da aprendizagem. Além de fazer com que a criança aprenda a se auto-avaliar e a percorrer caminhos para encontrar respostas para suas próprias indagações.

#### *Diferentes formas avaliativas*

Com o decorrer dos tempos, vários pesquisadores têm estudado diferentes formas de se avaliar, buscando identificar a que mais se adéqua a um aprendizado que estimule a capacidade de raciocínio do aluno. No Quadro 1 estão descritos algumas vertentes avaliativas que são defendidas por diversos autores.

Educação num enfoque:	Como se avalia:
<ul style="list-style-type: none"><li>• Tradicional</li></ul>	Utilização de verificações de curto prazo e prazo mais longo, punição (reprovação, notas baixas) e reforço positivo (aprovação, bons conceitos).
<ul style="list-style-type: none"><li>• Tecnicista</li></ul>	Avaliação de comportamentos observáveis e mensuráveis, controle de comportamento face a objetivos pré-estabelecidos.
<ul style="list-style-type: none"><li>• Libertadora</li></ul>	Verificação direta da aprendizagem é desnecessária, avaliação da prática vivenciada entre educador/educando, auto-avaliação em termos de compromisso assumido com a prática social.
<ul style="list-style-type: none"><li>• Progressista</li></ul>	A avaliação é realizada a qualquer momento, pois sua preocupação é diagnosticar falhas, observação do desempenho, valorização de outros instrumentos que não a "prova".

Fonte: [www.pgie.ufrgs.br/webfolioead](http://www.pgie.ufrgs.br/webfolioead).

#### **Quadro 1:** Avaliação segundo seus diferentes enfoques

Dentre estas, destaca-se a tradicional como a primeira e mais utilizada até os dias atuais, por se tratar de uma reprodução da forma a qual fomos educados e a progressista, que visa uma forma diferente de abordagem e visão da capacidade do aluno, habilidades estas que precisam ser trabalhadas com propriedade na educação infantil e que, assim, será um subsídio para o desenvolvimento de uma capacidade diferente de aprendizado no decorrer da vida. O Quadro 2 explicita as principais diferenças entre as duas formas.

AVALIAÇÃO EM UMA	
VISÃO TRADICIONAL	VISÃO PROGRESSISTA
· Ação individual e competitiva	· Ação coletiva e consensual
· Concepção classificatória	· Concepção investigativa e reflexiva
· Apresenta um fim em si mesma	· Atua como mecanismo de diagnóstico da situação
· Postura disciplinadora e diretiva do professor	· Postura cooperativa entre professor e aluno
· Privilégio à memorização	· Privilégio à compreensão
· Pressupõe a dependência do aluno	· Incentiva a conquista da autonomia do aluno

Fonte: [www.pgie.ufrgs.br/webfolioead](http://www.pgie.ufrgs.br/webfolioead).

**Quadro 2:** Diferenças entre avaliação tradicional e progressista

Há assim a necessidade iminente de mudança, portanto, mudar a avaliação significa provavelmente mudar a escola e isto é um grande desafio. Automaticamente, mudar a prática da avaliação nos leva a alterar práticas habituais, criando inseguranças e angústias e este é um obstáculo que não pode ser negado, pois envolverão toda a comunidade escolar, principalmente aqueles que se sentem mais inseguros e não estão dispostos a buscar mudanças, pois estão estagnados e indiferentes às mudanças que se apresentam (PERRENOUD, 1993).

*As diferentes perspectivas avaliativas*

O cenário educacional brasileiro mostra que as formas educacionais e avaliativas, não tiveram êxito no decorrer dos tempos e assim, faz-se necessária uma mudança contínua do modo de como o professor vê e interpreta o aprendizado do aluno, assim, diversos autores postulam diferentes formas de mudanças.

Luckesi (2010) propõe que a avaliação não pode ter um fim em si mesma e não deve ser utilizada para verificar a aprendizagem, ao contrário, deve servir para a orientação desta, por isso, envolverá diferentes elementos conforme forem os objetivos do trabalho desenvolvido, as necessidades das crianças e a realidade delas. Pois, a avaliação envolve saber o nível atual de desenvolvimento das crianças (Diagnóstico), comparar esta informação com o que é necessário ensinar no processo educativo (Qualificação) e tomar decisões que possibilitem atingir os resultados esperados (Planejamento). E se esses pontos forem realmente seguidos, uma avaliação comprometida com o desenvolvimento da criança poderá ser feita e assim alcançados os objetivos.

Barbosa & Horn (2008, p. 100) utilizam a metáfora do caminho e escrevem que: [...] “cada sujeito tem um percurso pessoal, e o acompanhamento das aprendizagens é a única forma de valorizarmos não apenas o resultado, mas todo o percurso construído pelo grupo e pelo sujeito em seu processo de aprendizagem.” Assim, pode-se dizer que a avaliação não pode e nem deve ser uma forma de classificar o aluno em bom ou ruim ou simplesmente atribuindo-lhe notas ou conceitos, mas observando o seu percurso em todo o processo, em todas as atividades, em todas as etapas do seu desenvolvimento.

Nesse sentido a avaliação pode ser transformada em um instrumento de mudança tanto na prática do professor que passa de um mero transmissor de conteúdos para um mediador da construção do conhecimento valorizando assim as capacidades e dificuldades individuais e coletivas, quanto na vida da criança especialmente por abrir-lhe novos caminhos, novos conhecimentos a partir de sua própria trajetória. Assim,

O grande desafio que se impõe consiste em propor situações de aprendizagem que também sejam avaliativas, em observar os alunos e em refletir. Uma série de estratégias pode ser pensada a partir dessa perspectiva, como as de observar, documentar, refletir e compreender para podermos acompanhar a trajetória de nossos alunos, bem como qualificarmos nossa prática pedagógica, redirecionando nossa caminhada (BARBOSA; HORN, 2008, p.101).

Nesse âmbito, a criança passa a fazer parte do processo e o professor deixa de ser o sujeito único do mesmo, já que a avaliação cabe a si também, pois ele passa a repensar e redirecionar o seu trabalho para então conseguir os objetivos traçados por ele com o auxílio da própria criança para o processo ensino e aprendizagem o qual se destacam a criança e o professor como os autores principais.

Não contrária a essa idéia, Oliveira (2002, p. 254), contextualiza o tema avaliação quando esclarece lembrando a teoria de Vygotsky que: “[...] O importante é o professor servir-se de modelos de avaliação do desenvolvimento voltados para a detecção de Zonas de Desenvolvimento Proximal<sup>1</sup> (ZDP) de cada criança, ou seja, buscar conhecer caminhos emergentes, e não meramente constatar obstáculos. Pois é nessa idéia (a de constatar obstáculos) que se estabelecia um dos maiores equívocos da avaliação, já que os supostos erros eram sempre mostrados a todos através de riscos vermelhos ou conceitos negativos que só faziam expor a criança ao ridículo e a vergonha de muitas vezes sofrer *bullying* por isso.

Contrário a isso, a detecção das ZDP auxilia o professor e a criança na busca pelo conhecimento, já que através dessas zonas pode-se ter uma noção de quanto a criança percorreu e até onde precisa ir para chegar ao objetivo. Um exemplo de instrumento que dá uma noção clara de onde se está e aonde se quer chegar são os relatórios periódicos de avaliação, como mostra o anexo 01. Esses relatórios podem ser mostrados aos pais e responsáveis gerando diálogos e trocas de informações importantes que norteiam o trabalho

---

<sup>1</sup> "a zona proximal de hoje será o nível de desenvolvimento real amanhã". Ou seja: aquilo que nesse momento uma criança só consegue fazer com a ajuda de alguém, um pouco mais adiante ela certamente conseguirá fazer sozinha (*leia um trecho de livro na terceira página*). Depois que Vygotsky elaborou o conceito, há mais de 80 anos, a integração de crianças em diferentes níveis de desenvolvimento passou a ser encarada como um fator determinante no processo de aprendizado. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/formacao-continuada/vygotsky-conceito-zona-desenvolvimento-proximal-629243.shtml>>. Acesso em: 07 jan. 2012.

do profissional de educação infantil. Além de trazer ao professor o desafio de descobrir novas estratégias para auxiliar a criança no seu próprio desenvolvimento.

### **Considerações finais**

A realização do presente estudo mostrou-nos que os caminhos que devem ser percorridos em busca de uma educação de qualidade, ainda é um tema árduo. Para tanto, quando se pensa em modificar modos e culturas de uma nação, faz-se necessário que se comece pela base. Especificamente falando da educação, esta deve ser revista desde a educação infantil, onde é o começo da formação humana e social, devendo assim, o professor, assumir o papel de mediador do conhecimento. Tendo que, para isto, avaliar de forma correta se o objetivo ora planejado está sendo alcançado.

Avaliar na educação infantil, além de ser uma das formas que o professor pode conhecer a si mesmo, por meio do alcance dos seus objetivos, pode mudar radicalmente o modo de ser e pensar das crianças que serão o futuro da humanidade de amanhã. Assim, faz-se necessário em caráter de urgência que os professores repensem suas condutas e formas de ensinar e enxerguem que parte da resolução dos problemas educacionais estão nas suas próprias mãos e, só depende deles mesmos para mudar este cenário.

### **Referências**

BARBOSA, M. C. S.; HORN, M. G. S. **Projetos pedagógicos na educação infantil**. Artmed. 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. SEF/DPE/COEDI. **Referenciais Curriculares para a Educação Infantil**. Brasília, 1999.

BRASIL. LDB: **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: lei n° 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Câmara dos Deputados. Brasília: Edições Coordenação Câmara, 2010.

\_\_\_\_\_. Lei Federal n. 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

LUCAS, M. A. O. F. Educação Infantil: algumas reflexões sobre seus fundamentos teóricos e metodológicos. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.17, p. 79 - 90, mar. 2005. Disponível em: < [http://www.histedbr.fae.unicamp.br/art08\\_17.pdf](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/art08_17.pdf)>. Acesso em: 16 jan. 2013.

LUCKESI, C. C. Avaliação da aprendizagem; visão geral. Entrevista. **Caderno do Colégio Uirapuru**, Sorocaba, São Paulo, 8 de outubro de 2005. Disponível em: < [http://www.luckesi.com.br/textos/art\\_avaliacao/art\\_avaliacao\\_entrev\\_paulo\\_camargo2005.pdf](http://www.luckesi.com.br/textos/art_avaliacao/art_avaliacao_entrev_paulo_camargo2005.pdf)>. Acesso em: 18 jun. 2013.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 21a ed. São Paulo: Cortez. 2010.

OLIVEIRA, Z. M. **A criança e seu desenvolvimento**: perspectivas para se discutir a educação infantil. São Paulo: Cortez. 1995.  
acesso em 07/01/2012.

PENNA FIRME, T. Avaliação: resposta, responsabilidade, integração. In: STUFFLEBEAM *et al.* **Educação superior e educação básica**. Brasília: MEC; Uberlândia: UFU, 1988. p.135-164.

PERRENOUD, P. **Não mexam na minha avaliação!** Para uma abordagem sistêmica da mudança pedagógica. In: NÓVOA, A. **Avaliação em educação: novas perspectivas**. Porto, Portugal: Porto Editora, 1993.

SANTOS, R. F. *et al.* **Metodologia de pesquisa**. Universidade de Uberaba. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.

WEBFÓLIO. Educação a distância. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O processo de avaliação na educação a distância. Disponível em: <<http://www.pgie.ufrgs.br/webfolioead/biblioteca/artigo6/artigo6.html>>. Acesso em: 16 fev. 2013.